

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica¹

Diva Aparecida Cilurzo Neto², São Paulo

Como nos fala Freud (1895), para que o desenvolvimento emocional de uma criança aconteça em sua plenitude, é necessário um cuidador humano consciente, capaz de não somente zelar por suas demandas orgânicas, mas também atender às suas necessidades básicas de amparo e proteção psíquica, principalmente nos primeiros anos de vida. Esse estudo tem por objetivo fazer uma análise, sob o viés da psicanálise, da vulnerabilidade psíquica desencadeada pela vivência física e emocional do desamparo. Por meio do imbricamento das ideias de Freud, Winnicott, Green e Bion, tentaremos demonstrar os efeitos psíquicos destrutivos, dentre eles o funcionamento psicótico infantil ou ainda um autismo psicogênico, desencadeados pela ausência de relações objetais arcaicas continentais e protetoras. Para tanto, será apresentado o caso clínico de uma criança de quatro anos de idade, que, mediante a vivência do desencontro, da ausência e do desamparo do objeto de afeto, inicia um processo de desmantelamento psíquico e de retrocesso do processo global de desenvolvimento.

Palavras-chaves: Função materna; Desamparo; Autismo Psicogênico; Terror sem nome; Dor Psíquica

¹ Esse trabalho foi desenvolvido a partir do Relatório da Primeira Supervisão Oficial de Criança e Adolescente, nomeado *O malabarismo psicanalítico. Um ofício de arte no atendimento da tríade analista/analizando/família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. Uma busca de subjetivação de Gael, um menino em busca de compreensão e de ajuda.* (2020).

² Psicóloga, psicopedagoga. Membro efetivo e assistente de ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

“Havia numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um principezinho a consolar! Tomei-o nos braços. Embalei-o. E lhe dizia: ‘A flor que tu amas já não está em perigo...’” (Saint-Exupéry 1943/2017, p. 18)

1. Introdução

O termo amparo está intimamente ligado à aceitação e à proteção. No entanto, o que é, ou como é, sentir-se abandonado ou desamparado?

Podemos afirmar, ancorados nos principais dicionários, entre eles Michaelis (2020), Houaiss (2009) e Aurélio (2014), que a palavra desamparo pode ser definida como o ato, efeito ou sensação física e/ou psíquica de ser renunciado, afastado, negligenciado e esquecido.

Usual na linguagem trivial, poética e até bíblica, a palavra *desamparo* é introduzida na Psicanálise por Freud no artigo *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996). Neste estudo, o psicanalista afirma que, ao nascer, o bebê precisa, para sua sobrevivência, da ajuda e do amparo do *outro*. Esse cuidador humano terá como função satisfazer as necessidades vitais da criança, pois, em sua impotência, o bebê é “incapaz de promover uma ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia” (p. 370).

Em seus escritos, Freud assegura que o cuidador humano será o elemento desencadeador do desenvolvimento psíquico, isto é, estará nas mãos do *outro* a evolução endógena e erógena da criança.

Dessa forma, o autor explicita os processos psíquicos primevos, demonstrando que o bebê não pode fugir das excitações pulsionais que vêm do interior de seu corpo e que o perturbam. Movido pelas necessidades, entre elas alimento, calor e acolhimento, o recém-nascido mobiliza o ambiente com seu choro, chamando a atenção da mãe e comunicando-lhe a sua vulnerabilidade e desamparo. Sensibilizado pela dor do bebê, o cuidador ou a mãe irá acolhê-lo, satisfazendo suas necessidades e apaziguando suas excitações endógenas perturbadoras, desencadeando, assim, a transformação da dor e do desamparo do bebê em alívio, acolhimento e confiança.

Com essas noções, Freud inicia um novo capítulo no conhecimento da mente humana, estabelecendo marcos na constituição do psiquismo. Ao evidenciar que as primeiras sensações de desamparo aparecem já nas experiências iniciais vividas

pelo bebê, o psicanalista institui o prelúdio da vida fantasmática na mente humana, dando início à construção do conceito de *phantasy*.

Klein, anos mais tarde, expande os conceitos freudianos. Partindo da psicanálise clássica, ela esmiúça e amplia não somente o conceito de *phantasy*, mas também todo o processo de constituição do psiquismo. A partir do livro *A psicanálise de Criança* (1932/1997a), a autora dá início a uma série de estudos sobre a vida mental primitiva, o funcionamento psíquico inconsciente e a vida fantasmática do bebê.

Juntamente com Heimann (1943-44/1982), Riviere (1936-44/1982), Isaacs (1943-44/1982) e Segal (1966), Klein (1943-44/1982b) defende a tese que as fantasias primevas inconscientes, também denominadas *phantasies*, são prepostos não só dos instintos libidinais, mas também dos instintos agressivos. Estas quimeras apresentam elementos somáticos e psíquicos, os quais serão a pedra fundamental dos processos pré-conscientes e conscientes, assim como da subjetivação do indivíduo. Como nos fala Klein, “fatores constitucionais e ambientais se conjugam nas fantasias mais primitivas, nas ansiedades e defesas dos primeiros tempos de vida. É esse o terreno donde brotam a mente e a personalidade individual” (1943, p. 284).

Em 1946, no artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* (1946/2006c), Klein amplia seus estudos. A psicanalista postula que a vida fantasmática inconsciente, de forma particular, instável e por vezes contraditórias dará lugar às fantasias pré-conscientes e conscientes. Por meio dos mecanismos de projeção e introjeção, passará a ser estabelecida a relação e a construção de objetos internos, o processo de identificação e a formação das instâncias psíquicas, ego e superego. Emoções, sentimentos e processos defensivos e cognitivos, a partir daí, povoarão a vida somatopsíquica.

Contudo, o que poderá acontecer se tal processo evolutivo sofrer uma significativa intercorrência ou for exposto a situações cumulativas divergentes e destrutivas?

Isto é, o que poderia advir ao psiquismo do bebê que, imerso em uma condição esquizo-paranóide, na qual ele é assolado pela instabilidade de um ego fragmentado, por um objeto externo dividido (mãe/ seio gratificador e mãe/seio frustrador), por ataques hetero e autoagressivos e pela negação onipotente dos fatos dolorosos, se o seu aparelho psíquico primitivo não conseguir emergir deste caos inicial para uma posição depressiva? Condição através da qual ele alcançará a integração do ego e do objeto externo (mãe/ seio), sentimentos afetivos e defesas mais evoluídas, ou seja, condição fundamental para um desenvolvimento saudável.

2. Intercorrências psíquicas

“(…) um pedacinho de gente totalmente extraordinário”. (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 4)

As situações de risco psíquico na infância são alvo de estudo da Psicanálise desde o ano de 1950. Foi a partir da exploração clínica/teórica dos estados primitivos da mente que psicanalistas como Winnicott, Mahler, Bick, Meltzer, Bion, Tustin, entre outros, começaram a fazer descobertas sobre o desencadeamento da psicose na infância e do autismo psicogênico, como veremos a seguir.

Winnicott (1952/2000), um dos primeiros estudiosos dos estágios do desenvolvimento emocional, demonstra que as bases da saúde mental são lançadas na primeira infância ou, de forma mais específica, desde a concepção. De acordo com o autor, uma intercorrência ou um hiato nestes primeiros estágios evolutivos, seja por uma falha ambiental importante ou por uma perturbação no senso primitivo do bebê, poderá causar um estancamento evolutivo psíquico e uma perda na sensação de *Ser*, lesando todo o desenvolvimento psíquico da criança. Winnicott aprofunda-se ainda mais no tema, afirmando que um desencontro na relação mãe/bebê nos primeiros estágios do desenvolvimento poderia desencadear um quadro psicótico infantil ou ainda um autismo psicogênico.

Anos depois, Bick (1968/1991), a partir de seu trabalho com observação de bebês, percebe que a criança, ao nascer, não tem o *self* integrado. As partes de sua personalidade estão fragmentadas, necessitando da continência materna para lhe dar suporte e ferramentas para a integração do ego nascente. Este processo integrativo será nomeado pela autora como *formação da pele psíquica*, pois dará ao bebê contorno, proteção e integralização psíquica. Contudo, Bick alerta-nos que falhas na formação da *pele psíquica* danificariam o psiquismo, dando origem a uma *segunda pele*, socorrista, porém sem o caráter genuíno, integrador e confiável da primeira.

Bion (1962/1991a-1994b), entre as décadas de 60 e 70, apresenta o conceito de *rêverie* materna, definindo-o como elemento fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico da criança (p. 60). Ampliando o conceito, o autor esclarece que falhas na *rêverie* materna poderão lesar o aparato psíquico infantil, submetendo-o às vivências catastróficas e de terror sem nome, as quais ele terá mínimas condições de transformar, uma vez que sua função alfa não foi desenvolvida. Mediante tal condição, haveria verdadeiro boicote à formação dos vínculos K. L. H.

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica

Meltzer (1975/1984a-1975/1986b), na década de 80, desenvolve a teoria do desmantelamento psíquico, da desmentalização e também da unidimensionalidade e bidimensionalidade psíquica vivida por crianças autistas. Define um tipo de identificação peculiar, a *identificação adesiva*, como uma forma das crianças portadoras de tal transtorno estabelecerem um esboço de contato. Entre suas hipóteses, está a conjuminância da hipersensibilidade de algumas crianças com a depressão materna e a destruição do seu próprio ego a fim de não prejudicar a mãe deprimida, “construindo assim um autismo psicogênico”.

Tustin (1972/1975a, 1984, 1981/1984) dá início a um novo entendimento dessa desorganização do funcionamento psíquico. Enquanto analista, apreende o transtorno autista como uma reação à experiência de descontinuidade mãe/bebê, na qual a criança vive a sensação de ser arrancada do mamilo materno, deixando na sua boca/mente o assombro da inexistência, a vivência de terror de ser ou estar em um *buraco negro*.

Cientista, Tustin busca respostas para o manejo com essas crianças, recorrendo à interpretação das *figuras de sensações*. Isto é, ela começa a encontrar significado nas ações sonoras e gestuais das crianças autistas. Além das inovações técnicas, a autora apresenta contribuições teóricas acerca do encapsulamento autogerado pela mente destas crianças (*concha* ou *cascarón autista*), assim como detecta a utilização dos objetos e formas autísticas como elementos asseguradores para crianças com tal funcionamento.

A partir de tantos estudos, surge uma nova compreensão dos transtornos autísticos, na qual se evidencia um aparelho psíquico em que não há uma representação simbólica do *self*, do objeto ou da relação entre eles. Como explica Neto (2016),

uma criança presa a um círculo vicioso destrutivo, no qual a oscilação PS
⇔ D está congelada. Um bebê sem condições de integração egóica, de articular e transformar as experiências, preso à sensorialidade, à uni e à bidimensionalidade no pensar e no agir, uma criança sem condição do brincar criativo, de exercer sua função comunicativa e com poucas possibilidades de ter um bom desenvolvimento cognitivo-emocional. (Neto, 2016, p. 56)

Será a respeito dessa criança sensível, desamparada psiquicamente, vivendo assolada por angústias arcaicas insuportáveis em busca de um continente para o seu ego fragmentado, que irei discorrer a seguir.

A partir de um discurso cuidadoso, serão apresentados momentos clínicos de pertinência para a compreensão dessa criança. O *setting* analítico será um

Diva Aparecida Cilurzo Neto

suporte para o *setting* psíquico da dupla analítica, no qual se dará a busca pela integração do *self*, pela comunicação psíquica e pela representação simbólica do analisando. Falarei de Gael, o menino do asteroide, um pequeno príncipe em busca de compreensão, aceitação e amparo psíquico.

3. Era uma vez um menino...

“(...) um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo (...)”. (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 11)

Um processo! Eis um bom nome para a vivência que tive com Gael³, meu paciente de quatro anos, cuja família procurou-me desesperada em virtude dos novos comportamentos que a criança estava manifestando.

De acordo com os pais, Bárbara e Gabriel, Gael fora um bebê responsivo, alegre e brincalhão até os dois anos de idade, quando começou a apresentar dificuldade de socialização, involução da linguagem já adquirida e não aceitação do desfralde. Todos os exames clínicos e laboratoriais possíveis já tinham sido feitos, inclusive auditivos. Avós, pais, tios, estavam todos preocupados, angustiados pela possibilidade do menino ser autista.

Por intermédio de vídeos caseiros e do relato dos pais, percebi o sofrimento do casal. Não havia sido fácil para eles trazerem suas dúvidas, ambivalências e dores narcísicas para uma analista. Embora estivessem conscientes da necessidade de ajuda, isto implicava em lidar com a dor psíquica, com o fracasso, com a possibilidade de exclusão, com o ódio e com angústias persecutórias, como nos aponta Lisondo et al. (2010).

Mediante o apresentado, propus fazer algumas consultas terapêuticas com os pais e com Gael, visando apreender melhor o funcionamento psíquico e relacional de Gael e do grupo familiar.

Nosso primeiro encontro é marcado por muitas descobertas. Chego na sala de espera e observo os pais sentados, com Gael no colo da mãe. Seu olhar está solto no espaço, como em um devaneio; ele ri e chora ao mesmo tempo. Com uma de suas mãozinhas, enrola o cabelo da mãe e, com a outra, tamborila os dedos no ar. Seus cabelos em desalinho, assim como o olhar etéreo e quase sonhador,

³ Todos os nomes usados neste trabalho são fictícios para preservar a identidade da criança e dos familiares.

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica

remetem-me ao Pequeno Príncipe, de Saint- Exupéry. Vou até eles, convidando-os a entrar na sala de análise.

Com Gael no colo, a mãe afirma: “Não está fácil, Diva. Ele está ficando mais pesado”. Nesse momento, não sinto que Bárbara esteja se referindo apenas ao peso físico do filho, já que Gael é um menino forte e ela está grávida; penso também no peso emocional que esta criança está sendo para a mãe, o qual ela teme não suportar⁴.

Já na sala de análise, começo a conversar com Gael. “Papai e mamãe estão preocupados com você, Gael, porque parece que tem alguma coisa que machucou você, que está doendo aí dentro. Um dodói que precisa de socorro. Eles trouxeram você até a Diva para que eu os ajudasse a entender melhor o que está acontecendo”.

Após minha fala, Gael olha para mim, sai do colo da mãe e começa a andar pela sala. Periodicamente aperta o braço da mãe e roça o seu rostinho nele, mexe no cabelo dela, falando: Babi. Após cada aperto, volta a andar pela sala à esmo, emitindo um som gutural, como um ritual de asseguramento.

Percebendo a necessidade daquela criança de certificar-se da presença da mãe, mas, ao mesmo tempo, aderir a ela, afirmo: “Gael quer sempre ter certeza de que a mamãe Babi está pertinho. Ele aperta o braço da mamãe e sabe que ele está seguro. Que gostoso ter a mamãe pertinho!”. Após minha fala, Gael olha para mim e sorri, continuando suas andanças pela sala.

Olhando para o menino, Bárbara articula, de forma chorosa, sobre as mudanças acontecidas com a criança desde que completou dois anos: “Diva, ele foi ficando mais fechado. De repente ele foi se encolhendo. Não entrava mais na piscina, não queria falar ou brincar com as outras crianças. Só aceitava o contato com as pessoas da família. A babá tinha saído um pouco antes de tudo isso começar, e eu fiquei sozinha, sem saber o que fazer... Ela era muito paciente, brincava com ele. Quando ele chorava, ela o acalmava. Ele adorava ela! Acho que nós dois ficamos perdidos quando ela saiu”.

Querendo entender mais sobre a relação da família com a babá, peço para que me falem um pouco mais sobre ela. Bárbara afirma: “Diva, ela entrou logo que ele nasceu. Eu tive um parto difícil, fiquei na UTI vários dias e depois tive uma depressão pós-parto muito forte! Ela me ajudou muito. Eu não tinha leite e só chorava. Era ela quem dava a mamadeira e cuidava dele. Quando melhorei um pouco, voltei ao trabalho e ela continuou cuidando de tudo. Quando Gael tinha

⁴ Anos mais tarde, nos encontros quinzenais com os pais, Bárbara iria confessar-me que o seu maior medo desde criança era ter um filho doente. Era gordinha quando criança e sua mãe a levava constantemente a médicos, queixando-se de sua gordura. Para seus pais, era uma menina problema, e a mãe a alertava para as dificuldades de ter uma criança doente!

Diva Aparecida Cilurzo Neto

quase dois anos, ela engravidou. Quando estava quase na hora de ter o bebê, achei melhor ela sair. Eu já estava grávida, e achei que era muito bebê junto. Não falei nada para o Gael, ela simplesmente não veio mais. Ele não perguntou e eu achei que estava tudo bem”.

Ao ouvir o relato, penso na dor profunda desse menino e na sensação de desamparo que ele viveu. Intuo que o encontro psíquico primevo mãe/bebê tinha sido maculado por condições físicas e psíquicas da mãe, o que impediu a formação de um estado fusional harmonioso, deixando o bebê em suas primeiras vivências a mercê de fantasias de terror e de desamparo.

Com a saída da babá, acredito que, de repente, a criança ficara novamente só e desprotegida. Bárbara, a mãe biológica, tão envolvida em suas próprias questões emocionais, não pôde oferecer a rêverie necessária. Aquele bebê não havia sido privado tão somente de sua babá, mas perdera uma figura maternal potente e continente. Nesse momento, olho para Gael, que parece levitar pela sala. Um pictograma afetivo⁵ forma-se em minha mente: uma pipa solta ao sabor do vento, sem um fio assegurador ou um condutor para evitar que ela se perca ou se desmantele com o vento.

Chegamos ao final da sessão. Estou me despedindo dos pais quando Gael vem até mim e estica os bracinhos, como se pedisse colo. Abaixo até ficar na altura dele. Gael começa a mexer no meu cabelo. Deixo que ele sensorialmente me perceba. Mediante tal atitude de doçura e sensibilidade, vem à minha mente a expressão de Saint-Exupéry: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Por favor... cativa-me” (Saint-Exupéry, 1943/2017, pp. 51-53). Pensando assim, dou-me conta de que estava se esboçando uma relação de segurança e confiabilidade entre Gael e eu. Intuo que a criança começava a depositar em mim a esperança de um objeto permanente, que não sumiria, que estaria lá para ele.

Nossos encontros familiares continuam e, com isso, vou me apropriando do

⁵ “Um pictograma afetivo forma-se em minha mente”. Faço uso deste termo a partir de dois referenciais. Inicialmente, reporto-me ao conceito psicanalítico de *ideograma*, ou seja, símbolo imagético que pode representar, ideias, sentimentos ou palavras. Empregado por Bion ao discutir o trabalho onírico, este afirma: “A impressão precisa ser ideogramatizada. Quer dizer, caso a experiência seja uma experiência de dor, a psique deve ter uma imagem visual do esfregar de um cotovelo, ou de uma face em lágrimas, ou de algo assim (...)” (Bion, 2000c, p. 78). Arelado ao processo de transformação psíquica, o autor atribui o surgimento de imagem ideográfica e/ou simbólica à capacidade da função alfa de poder transformar um sentimento em um ideograma. Em um segundo momento, apoio-me nas explanações de Rocha Barros & Rocha Barros em *Transformações das formas simbólicas em sonho* (2017): “O termo ‘pictograma’ é definido no dicionário de Paul Robert (1984) como tradução de ideia em cenas figurativas e simbólicas. Usamos o *pictograma* afetivo de um modo semelhante, mas não idêntico para nos referir a uma forma muito inicial de representação mental de experiências emocionais, fruto da função alfa, que cria símbolos, por meio de figurações, para o pensamento onírico, como base e o primeiro passo para os processos de pensamento (...). Frequentemente esses pictogramas afetivos são evocados na mente do analista via identificação projetiva durante a *rêverie* (...)” (p. 40, grifos do autor).

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica

funcionamento psíquico de Gael e dos pais. Percebo que, quando contrariado ou em virtude de alguma mudança em seu entorno ou rotina, a criança se desorganiza, o que desencadeia uma descarga motora e um dismantelamento psíquico. Nessas ocasiões, os pais também se desorganizam: entram em um quadro de pânico e choram, travando uma associação simbiótica com a criança. Entendo que os pais não choram apenas por Gael ser ou estar tão diferente dos pares da mesma idade, mas choram por si mesmos, pela reabertura de uma ferida narcísica que estava em carne viva.

4. Iniciando a jornada

“Vislumbrei um clarão no mistério da sua presença, e interroguei bruscamente: Tu vens então de outro planeta? (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 7-8)

Após o período de entrevistas familiares, nossa parceria analítica inicia na frequência de três vezes por semana. Inicialmente, a turbulência e a violência física e psíquica fazem parte dos nossos encontros, mas, de maneira paulatina, o choro ou a relutância em desligar-se da mãe vão dando lugar a uma sutil familiaridade e à construção de confiança na analista.

Nosso setting tenta ser o mais neutro possível. Como nos lembra Alvarez, “para que a personalidade do paciente e seu mundo interno de objetos [sejam] revelados, mas também para que [haja] a diferenciação entre mundo interno e externo” (1985, p. 89). Embora existam situações de difícil manejo, enquanto analista, procuro manter nosso campo analítico continente e propiciador de integração, tentando transformar as experiências sensoriais em sentimentos que tenham significado.

O ritmo de nossos encontros analíticos oscilava muito durante a sessão e entre elas. Em alguns momentos, Gael interagia alegremente comigo e com os brinquedos, emitindo pedaços de palavras e revelando alguns esboços de simbolização, dando sinais de que conseguia lidar melhor com o tempo, com a espera e com as frustrações que iam surgindo ao longo das brincadeiras. Contudo, às vezes também perambulava pela sala, enclausurando-se em seu asteroide psíquico.

Em outras ocasiões analíticas, meu analisando estava frágil, similar a um cristal craquelado, dismantelando-se com facilidade como se fosse uma construção precária, tanto física quanto psiquicamente. Tal condição surgia geralmente após alguma situação de estresse ou uma vivência de limite ou frustração. Nestas

Diva Aparecida Cilurzo Neto

ocasiões, Gael expunha sua dor psíquica por meio do urinar e/ou evacuar na sala de atendimento, ou entrava em uma crise nervosa e motora na qual iniciava um choro desesperado, jogando-se no chão e batendo a cabeça no piso ou na parede, ou ainda tentava agredir a analista, o que exigia uma intervenção firme, mas carinhosa.

Apesar do ritmo oscilante das nossas sessões perdurarem, lentamente iam surgindo novos comportamentos que revelavam transformações psíquicas delicadas, mas significativas. Novos brinquedos eram explorados, trazendo-nos núcleos psíquicos nebulosos, verdadeiros vulcões cheios de lava incandescente que precisavam vir à tona para serem vistos com o coração e, assim, saírem da invisibilidade.

5. Filigranas psíquicas começam a emergir

“Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”. (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 53)

Oito meses haviam se passado. Como um explorador, meu analisando começa a se interessar e a pesquisar o interior dos objetos com seus dedinhos. Seu esquema corporal parece ter encontros fugazes com a imagem corporal. Ele se surpreende com os próprios movimentos e, como um bebê, começa a perceber as partes de seu corpinho e a função que elas desempenham. Como nos fala Dolto (1984/2007), “começava a haver uma solidariedade entre o esquema corporal e o sujeito” (p. 14). Alguns desejos passam a ser manifestados por meio de palavras ou esboços de palavras, e não somente por crises de raiva. Fantasmas, desejos, realidade e necessidades começam a aparecer.

Gael, ao chegar, aguarda-me na sala de espera, parado em frente ao aquário, hipnotizado pelo movimento dos peixes. Nesses momentos, tento conversar com ele, mas minhas palavras parecem cair no vazio. Penso em uma identificação maciça com a condição fetal ou na vivência simbiótica dos primeiros tempos de vida.

Seus brinquedos favoritos são o caminhão de bombeiro e a ambulância. Com seus dedos, penetra em todos os orifícios dos dois veículos como se procurasse algo. Atento-me à escolha dos veículos e pondero: estaria meu analisando nos revelando, através de sua escolha e de seus movimentos, que algo estava pegando fogo no seu interior? Estaria ele mostrando-me a sua dor e pedindo ajuda?

Pensando na possibilidade de restauração do tecido psíquico, uso minha função narrativa para tentar, junto com o meu analisando, encontrar uma forma

de diálogo psíquico. Como nos propõe Ferro (1999/2000), “uma transformação conarrativa, ou mesmo a conarração transformativa, [que] toma lugar da interpretação” (p. 18).

Nesses momentos, aproximo-me do analisando, sento-me no chão ao seu lado e, tentando dar palavras aos pensamentos e sentimentos dele, digo: “Gael procurou dentro dos carrinhos, mas não achou nada. Não achou ninguém! Onde estão as pessoas? Não tem ninguém dirigindo. Me ajude a encontrá-las, senão os carros vão ficar aqui parados, vazios e sozinhos”.

Como que incomodado pela minha fala, Gael abandona os carrinhos e vai em busca dos alimentos de plástico. Ritualisticamente, sessão após sessão, meu solitário analisando pega alguns alimentos e coloca-os no pratinho; olha demoradamente para eles e, em seguida, irritado, grita e os atira longe.

Esperando “oferecer uma representação, um contorno, um continente no aqui e agora da sessão, como uma possibilidade de ter acesso ao não representado por meio da linguagem envolta em emoções”, como nos fala Silva (2013/2019, p. 43), falo do seu desagrado com o alimento: “Gael não gostou dessa comida. Ele precisa de outras coisas mais gostosas; ele procura, mas não acha. Está tudo vazio dentro dele. Que raiva! Às vezes a gente fica com fome de algo que agasalhe a barriginha e o coração”.

Após uma fala conarrativa, meu analisando volta para o seu asteroide de dor, encolhe-se e começa a chorar. Rapidamente o choro transforma-se em uma crise nervosa, na qual ele se bate e tenta me bater também. Firmemente o contendo, segurando suas mãos e pés, dizendo: “Você não vai bater na Diva. Nós podemos conversar. Para isso existem as palavras. Eu posso te ouvir e te compreender. Estou aqui com você. Você não está sozinho”.

Depois desses momentos de desespero, como em um ritual de consolo e acolhimento, ainda chorando, Gael vem para o meu colo, pega uma mecha do meu cabelo e enrola com seu dedo. Faz círculos em meu rosto; círculos semelhantes ao seu planeta solitário. Os mesmos círculos que aparecem em suas garatujas e em seu andar pela sala. Nestes momentos, vem à minha mente o emaranhado emocional no qual aquele menino vive. Intuo que, de alguma forma, ele estava me mostrando seu labirinto psíquico e o terror claustrofóbico em que vivia.

Recordo Meltzer & Williams (1988/1995c), Green (1993/2010) e Bion (1962/1991d), autores que realizaram estudos sobre as origens do terror e a importância da figura materna no processo de acolher e transformar tais projeções terríficas. Como os autores explicam, o bebê busca a mãe para com ela descobrir o belo. Quando não o encontra na figura materna, tende a perder sua função objetualizante, desmentalizando-se como medida protetiva.

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Reflico sobre a catástrofe psíquica gerada pelo malogro de uma experiência emocional dessa magnitude e a deterioração dos vínculos K, L e H – são riscos mencionados pelos autores ao aparelho mental em decorrência do fracasso desse acolhimento primevo maternal.

Avalio a dor provocada em meu analisando pelo vazio afetivo, pelo desamparo, pela violência do terror claustrofóbico, mas, principalmente, percebo a destrutividade do trabalho do negativo, da função desobjetalizante desencadeada pela pulsão de morte. Sua influência nos sintomas autísticos de Gael ficava mais evidente a cada momento. Meu analisando estava preso a um asteroide, árido e com árvores gigantescas, baobás terríficos e tirânicos que juntos tentávamos desenraizar.

6. Transformações

“As palavras pronunciadas ao acaso é que foram, pouco a pouco, revelando tudo”. (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 7)

Completamos um ano e meio de trabalho psicanalítico. Gael está mais independente, curioso e desejoso, apresentando já *flashes* de representação simbólica.

O desenvolvimento da capacidade de simbolização está intimamente ligado aos vínculos primários. Enquanto faculdade, ela não é autogeradora ou autônoma, mas fruto de um intercâmbio primevo entre o mundo interno da criança e o ambiente. Considerada uma função subjetiva e subjetivante, a capacidade simbólica é a responsável pela transformação da representação de coisa em representação de palavra, como alude Roussillon (1977/2015, pp. 257-259).

Em algum momento de seu desenvolvimento, Gael parecia ter perdido sua função simbolizante. De acordo com o relato dos pais, Gael era um bebê responsivo, alegre e desejante que, por volta dos dois anos, foi se recolhendo a um estado autístico, um planeta imaginário ao qual somente ele tinha acesso. Enquanto analista, buscava resgatar não somente o *self* de meu analisando, mas também a organização psíquica de sua família, que se desmantelava mediante a reabertura de sua ferida narcísica, como veremos a seguir.

Iniciávamos mais uma sessão. A mãe chega, segurando Gael pela mão. Seus olhos e os da criança estão marejados. Bárbara senta no sofá da sala de espera e chora. Em silêncio, aguardo ela se acalmar.

Procurando conter o choro, Bárbara desabafa: “Eu fui buscar ele na

escola e ele deu um show. Chorou, esperneou... Eu falei, mas ele parecia não me ouvir. Ai, que desespero. O que as outras mães vão pensar? Teve uma hora que eu perdi a calma, dei umas palmadas e falei: Entra no carro, Gael! E ele entrou. Está difícil. Estamos fazendo de tudo, mas de vez em quando ele volta para trás. Eu estou cansada”.

Bárbara está muito nervosa. Estou no meio de uma torrente de emoções: de um lado, a mãe exaltada e, do outro, Gael chorando e se batendo no chão. Em silêncio, aguardo. A jovem mãe estava transbordando, sentindo-se só e incapaz de cumprir a tarefa materna. A responsabilidade da maternagem lhe era esmagadora. Ela e Gael estavam se liquefazendo na minha frente. Estava em meio a uma avalanche emocional, como fala Prat (2008, p. 130-131).

Após o desabafo, Bárbara senta-se no sofá e chora de forma compulsiva. Gael, um pouco mais calmo, olha para ela com atenção. Ofereço um copo de água, como uma iniciativa de acolhimento.

Diante da situação, tento refletir sobre o que estaria provocando o desmoronamento daquela dupla. Penso que pode existir algo tóxico mobilizando o pensamento materno. Intuo que existem corpos nebulosos transgeracionais impedindo-a de perceber o que realmente estava ocorrendo com ela e com o filho. Apreendo que uma parte da mãe parece observar as melhoras que a criança está tendo, mas outra parte o percebe como um doente incurável, o estigma da família, a revivência das doenças e terrores familiares.

Em virtude da instabilidade materna, intuo que não somente Bárbara não está podendo ser um continente firme e amoroso para o seu filho, mas também é mais um elemento desorganizador no psiquismo de Gael.

Passado algum tempo, com Bárbara mais calma, eu e Gael entramos na sala. Ele está irritado e começa a me bater e chutar. Seguro suas pernas e digo: “Agora chega, Gael. Você já mostrou sua raiva. Vamos tentar pensar juntos no que está acontecendo. Eu posso entender sua raiva, mas chutar e atirar coisas, não pode!”.

Penso que, ao dar limites ao meu analisando, possibilito que ele se sinta sustentado, já que, naquele momento, o seu asteroide passava por forte turbulência. Lentamente, ele parece se acalmar. Olha para mim, senta-se no chão, olha para a caixa, pega o bloco de papel e a caixa de lápis e diz “desenhá”! Ele tenta abrir a caixa de lápis e não consegue; olha para ela, chacoalha, mas a caixa não abre. Enquanto isso, eu aguardo, pois ele já havia aberto aquele estojo de lápis muitas vezes. Gael irrita-se ainda mais e joga a caixa no chão. Ao cair, a caixa se abre e o meu analisando observa os lápis de cera espalhados pelo chão. Com raiva, começa a atirá-los em mim.

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Neste momento, sinto uma forte irritação com ele. Isto me chama a atenção, pois já havia enfrentado o mesmo tipo de reação com outras crianças, sem, contudo, me sentir assim. Percebo que, por identificação projetiva exitosa, estou sentindo a angústia e a frustração que o meu analisando está vivendo. De forma firme, mas continente, digo: “Gael está com muita raiva da Diva, da mamãe, de tudo. A mamãe ficou brava com o Gael. A Diva não ajudou o Gael. Que dia difícil”.

Pôr os sentimentos em palavras parece exercer um efeito apaziguador e decodificador nas emoções de Gael. Ele para de atirar os lápis, olha para mim com os olhos marejados e, com uma feição de profunda tristeza, diz: “Mocha” (moça).

Sinto uma profunda compaixão por aquela criança, que se sentia só e cansada. Lutava uma batalha psíquica dolorosa. Precisava de ajuda e acolhimento. A partir dessa conscientização, digo: “A Diva confia em Gael, sabe que ele consegue fazer muitas coisas sozinho. Gael, você pode ficar bravo com a Diva que ela não vai embora, não vai deixá-lo sozinho”.

Meu pequeno analisando permanece silencioso por cerca de dez minutos. Sinto minha capacidade negativa sendo testada, mas aguardo. Após esse período, Gael me olha e fala: “abi janela”. Pensando no processo de subjetivação de Gael e em seu empoderamento, de forma firme, mas amorosa, afirmo: “Gael, você sabe abrir a persiana, mas eu vou estar perto para ajudá-lo, se você precisar”.

Meu analisando sobe no divã e começa a subir a persiana, precisando de mim somente para travá-la. Em seguida, deita-se de bruços no divã, olhando pela janela. Estou sentada ao lado dele. Ele ri e, às vezes, mexe as mãos. De repente, levanta-se, vira a caixa de brinquedos, pega uma bola macia e a aperta contra o peito, voltando em seguida para a janela. Falando por ele, digo: “Diva, senti medo de estar só, mas agora estou com minha bola macia, minha bola mamãe!”

Passado algum tempo, Gael senta-se no divã e me olha atentamente. Na sequência, pega o livro do pinguim e vem para o meu colo.

Apontando para o menino na capa do livro, Gael afirma: “Menino”. Percebo que ele estava começando a usar sua capacidade representacional para nomear, para se comunicar. Aquela criança começava a tecer uma rede simbólica.

Impactada, afirmo: “O menino está abraçado ao amigo pinguim. O pinguim estava perdido, achou o menino e eles se tornaram amigos. O menino ajudou o pinguim a achar o caminho de casa. O Gael achou a Diva; juntos estamos cuidando do dodói de Gael”.

Gael olha para o livro e começa a folheá-lo. Após alguns instantes, levanta-se do meu colo e vai para a casinha de madeira. Pega os bonecos que representam o pai e o menino, e então diz: Papai Ga. Na sequência, aproxima-os e afasta-os várias vezes, como se estivessem se abraçando, colocando-os em seguida dentro

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica

da casa. Afirmando que Gael gosta muito do papai, e que sabe que o papai gosta dele.

Ao final da nossa sessão, convido o meu analisando para guardarmos os brinquedos. Ele aceita e, juntos, vamos acomodando a maior parte dentro da caixa. A casinha não cabe totalmente, mas, mesmo assim, Gael quer colocá-la. Damos um jeito e, apesar de uma parte ficar para fora, ela é guardada. Na nossa despedida, dizemos:

Gael: “Chau, Iva! (Diva)”

Diva: “- Tchau, Gael. Até amanhã!”

De mãos dadas, vamos até a sala de espera, onde a mãe, já mais calma, mas ainda chorosa, espera-o com um abraço.

7. Empoderando-se do próprio self

“Ora o príncipezinho era tão grande, ora pequeno demais (...).” (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 11)

Estamos em análise há dois anos. Os interesses de Gael têm mudado. Meu analisando começa a se interessar pelo brinquedo Lego Duplo – animais e pessoas. Quase de forma rotineira, ele entra na sala, pega o Lego e, em seguida, junta e separa várias vezes as peças, de forma aparentemente mecânica. Nestes momentos, Gael fica totalmente absorto no seu ‘brincar’. Cantarola de forma muito regressiva. Tenho a impressão de estar com uma criança de oito meses balbuciando no berço.

Assim começamos a nossa sessão naquele dia, com a união aparentemente desintencional das peças do Lego. Passado algum tempo do início da sessão, Gael parece se irritar; joga todas as peças para trás e vem para o meu colo. Este não é um movimento novo em nossos encontros, o que me faz levantar algumas hipóteses, dentre elas: o que haveria lá atrás, perdido no tempo e no espaço? Sua privação da função materna? Uma sensação de abandono que ele queria esquecer? Fosse o que fosse, trazia-lhe muita dor.

Com Gael encaixado em meu colo como se fosse um bebê em um cesto, começo a brincar com ele visando uma libidinização e uma reintegração somatopsíquica. “Quem é esse menino que está no meu colo? Ele tem pé (mexo em seu pezinho), tem pernas (mecho em suas pernas), tem barriga..., tem mãozinhas..., tem cabeça. Quem é esse menino? Como ele se chama?”

Gael entra em um estado de irritação muito grande. Chora, bate-se e tenta me bater. Percebo o desespero dele e aguardo, pois sinto que precisa libertar

Diva Aparecida Cilurzo Neto

toda aquela violência contida. Lentamente, o meu analisando vai se acalmando e deita-se no divã.

Pensando no resgate dos objetos de afeto, após algum tempo retiro a casinha de madeira de dentro da sua caixa e coloco-a no chão da sala. Pego os personagens familiares e vou falando com o pai e a mãe. Falo da bebê chorona que está no berço e do menino que gosta de assistir, na televisão, o Mundo Bitá e o desenho Masha e o Urso.

Gael parece acompanhar a brincadeira com atenção. De repente, ele levanta-se e vai para o outro canto da sala, ficando de costas para mim. Sua expressão corporal me dá sinais de sua contrariedade. Teria eu tocado em algum ponto de dor? Sua reação me dizia que sim, mas talvez essa ferida psíquica precisasse ser mexida para poder ser limpa e posteriormente curada. Pensando assim, afirmo: “Quem é esse menino que está de costas para mim? Será que ele está bravo comigo? Como ele se chama?”

Pela primeira vez o meu analisando responde: “Gael”. Dando continuidade, afirmo: “Gael, olhe o nome que está escrito nessa caixa: Gael! Esta caixa é sua. Que bom que achei o dono da caixa!”. Penso que, ao se reconhecer e se nomear, Gael empoderava-se de seu self. Com isso, o menino do asteroide dava início à percepção da grandeza do universo e começava a se perceber nele.

Caminhando até a caixa, ele pega a bola e a joga para mim. Juntos iniciávamos um novo jogo no qual a bola não precisava mais ser a mamãe objeto; estávamos conseguindo iniciar uma diferenciação entre o eu e o não-eu. A mamãe primitiva já transitava para o papel de mãe ambiente, permitindo assim que os objetos readquirissem suas reais funções. Havia uma rede simbólica se constituindo.

8. Comentários finais

“Assim eu comecei a compreender, pouco a pouco, meu pequeno príncipezinho, a tua vidinha melancólica”. (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 15)

A vivência psicanalítica com Gael, como assim foi nomeado o meu pequeno analisando nesse relato clínico-teórico, reporta-me à história do *Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, publicada em 1943. Uma narrativa que, em sua essência, revela solidão e um profundo sentimento de abandono e de perdas.

Assim como o jovem príncipe, Gael me mostrou, por meio de emoções e reações, seu planeta/asteroide psíquico. Nele havia vulcões terríficos, assim como Baobás poderosos e tirânicos, mas também encontrava-se uma amada interlocutora psíquica, a qual preservava, com desvelo, a rosa. É nesse *setting* de ilusões, desilusões, medos e defesas que a história da dupla analítica caminha, trazendo-nos um retrato da existência psíquica de Gael.

Gael continua em atendimento. Ainda hoje revela grandes oscilações de humor. Tal movimentação, ora violenta, ora frágil e desmantelada, desencadeava e ainda desencadeia muitas vezes angústias na analista, exigindo resiliência e respaldo técnico para dar sentido a tais atitudes, assim com um dispêndio de energia psíquica e física. Gael foi e é um menino que exige grande capacidade negativa, ou seja, a capacidade de suportar em meio à incerteza: o mistério e a dúvida resistindo à dispersão, à ansiedade e à angústia do não saber enquanto o fato selecionado não se revela, como nos fala Bion (1970/2007e).

Doçura, impotência e desespero são sensações, emoções e sentimentos que permearam nosso trabalho. No entanto, “era preciso ser paciente...” (Saint-Exupéry, 1943/2017, p. 51). De maneira mais explícita, posso dizer que, ainda hoje, Gael pode, em uma sessão, chorar compulsivamente, bater e chutar quando se deparar com algum limite ou uma pequena mudança no *setting* e, em outra sessão, mostrar-se observador, desejante e desenvolver uma brincadeira com alegria e doçura.

Meu analisando oscila vertiginosamente entre o funcionamento psíquico autístico, no qual apresenta uma fragmentação egóica, ataques a qualquer tipo de vínculo e um desmantelamento da experiência consensual, e o movimento psíquico de uma criança sonhante que se permite brincar, além de demonstrar capacidade e desejo de estabelecer um vínculo com a analista e com o mundo.

A Psicanálise não é somente uma ciência ou uma técnica, ela é a arte do pensamento estético que se reinventa a cada sessão e a cada analisando. Por ela, o novo mostra-se a todo instante, necessitando da analista reformulação constante, assim como acolhimento e necessidade da existência de um discurso transferencial. Por meio dele, afetos, terrores, angústias e ansiedades são trazidos para o *setting* analítico, buscando acolhimento e obrigando o analista a viver e a se reinventar a cada momento terapêutico para tentar dar um sentido e um movimento virtuoso aos conteúdos mais dolorosos e profundos de um ser humano.

O espectro autístico traz em seu estandarte marcas de diferentes incidentes nas estruturas primevas que lesarão a evolução das capacidades relacionais, emocionais, adaptativas e funcionais.

Como nos fala Laznik (2016), usando o modelo de Lacan (18/12/1973) da *trança*:

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Podemos pensar os avatares da vida do bebê autista a partir [do modelo de uma] trança, na qual o Real representado pelo organismo do bebê, o Simbólico pela ordem do mundo e o Imaginário sendo a possibilidade de ver o que ainda não está lá ou seja a ilusão antecipadora do psiquismo parental se entrelaça constituindo o sujeito. (...) Este modelo nos permitirá representar diversos acidentes que podem ocorrer no início da infância de um bebê, acidentes capazes de conceber diferentes estruturas representáveis por “erros” na trança e consequentemente no nó. (2016, p. 31)

Gael não constituía uma imagem corporal até então; seu esquema corporal funcionava de forma autônoma, desvinculada do próprio potencial simbólico. Por meio do trabalho analítico e de nossa relação intersubjetiva, busquei fornecer ferramentas para Gael dar forma psíquica para seu corpo e para sua vida. □

Abstract

The boy on the asteroid: A child in search of love, protection, and psychic integration

As Freud (1895) tells us, the full emotional development of a child requires a conscious human caregiver, able not only to take care of the child's organic demands, but also to attempt to meet basic needs for support and psychic protection, especially in the first years of life. Under the perspective of psychoanalysis this study aims to analyse the psychic vulnerability triggered by the physical and emotional experience of helplessness. Through the intertwining of the ideas of Freud, Winnicott, Green, and Bion, we will try to demonstrate the destructive psychic effects, among them the child's psychotic functioning or even a psychogenic autism, triggered by the absence of archaic, continent, and protective object relations. Therefore, we will discuss the clinical case of a four-year old child, who, through the experience of the mismatch, absence, and helplessness of the object of affection, initiates a process of psychic dismantling and regression of the global development process.

Keywords: Maternal function; Helplessness; Psychogenic autism; Nameless terror; Psychic pain

Resumen

El chico del asteroide: un niño en busca de amor, protección e integración psíquica

Como nos dice Freud (1895), para que el desarrollo emocional de un niño ocurra en su plenitud, es necesario un cuidador humano consciente, capaz no solo de atender sus demandas orgánicas, sino también de atender sus necesidades básicas de apoyo y protección psíquica, especialmente en los primeros años de vida. Este estudio tiene como objetivo analizar, bajo la perspectiva del psicoanálisis, la vulnerabilidad psíquica desencadenada por la experiencia física y emocional del desamparo. A través del entrelazamiento de las ideas de Freud, Winnicott, Green y Bion, intentaremos demostrar los efectos psíquicos destructivos, entre ellos el funcionamiento psicótico infantil o incluso un autismo psicógeno, desencadenados por la ausencia de relaciones objetales arcaicas continente y protectoras. Para eso, se presentará el caso clínico de un niño de tres años, quien a través de la vivencia del desajuste, ausencia y desamparo del objeto de afecto, inicia un proceso de desmantelamiento psíquico y de retroceso del proceso global de desarrollo.

Palabras clave: Función materna; Desamparo; Autismo psicógeno; Terror sin nombre; Dolor psíquico

Referências

- Alvarez, A. (1985). O problema da neutralidade: algumas reflexões sobre a atitude psicanalítica no tratamento de crianças *borderline* e psicóticas. *J. Child Psychotherapy*, 2(1), 87-103. (J. Widman trad.)
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E.B. Spillius, *Melanie Klein hoje. Desenvolvimento da teoria e da técnica*. (B.H. Mandelbaum trad., vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Bion, W.R. (1991a). Identificação projetiva e capacidade para pensar. In W.R. Bion, *O aprender com a experiência*. (P.D. Corrêa trad., 1ª. ed., Cap. 12, pp. 54-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W.R. (1991d). Os vínculos entre os objetos. In W.R. Bion, *O Aprender com a experiência*. (P.D. Corrêa trad., 1ª. ed., Cap. 14, pp. 68-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W.R. (1994b). Uma teoria sobre o pensar. In W.R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados. Second thoughts*. (W.M.M. Da Antas, trad., Cap. 9, pp. 127-138). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)

Diva Aparecida Cilurzo Neto

- Bion, W.R. (2000c). Ideograma. In W.R. Bion, *Cogitações*. (P.C. Sandler trad., pp. 78-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W.R. (2007e). Prelúdio à consecução ou seu substituto. In W.R. Bion, *O Atenção e interpretação*. (P.C. Sandler trad., 2ª. ed., Cap. 13, pp. 131-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- De Saint Exupéry, A. (2017). *O pequeno príncipe*. São Paulo: Paulinas. (Trabalho original publicado em 1943)
- Dolto, F. (2007). Esquema corporal e imagem do corpo. In *A imagem inconsciente do corpo*. (N. Moritz e M. Levy trad., Cap. 1, pp. 1-48), São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original apresentado em 1984)
- Ferro, A. (2000). Narrações e interpretações. In A. Ferro, *A psicanálise como literatura e terapia*. (M. Petriciani trad., pp. 17-32). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1999)
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão trad., v. 1, pp. 333-469). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em, (1895[1950])
- Green, A. (2010). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In A. Green, *O trabalho do negativo*. (F. Murad, trad., pp. 95-102). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original apresentado em 1993)
- Heimann, P. (1982). Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (L.P. Chaves trad., pp. 136-184). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original apresentado em 1943-44)
- Isaacs, S. (1982). A natureza e a função da fantasia. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral trad., pp. 79-135). Rio de Janeiro: Zahar (trabalho original apresentado em 1943[1948/1952])
- Klein, M. (1997a). *A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein*, (L.P. Chaves, trad., v. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Klein, M. (1997b). Sobre a observação do comportamento dos bebês. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (L.P. Chaves, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1943-44)
- Klein, M. (2006c). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In M. Klein, *Inveja e gratidão, e outros trabalhos (1946-1963). Obras completas de Melanie Klein*. (LP. Chaves, trad., v. 3, pp. 20-43). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1946)
- Laznik, M.C. (2016). Podemos pensar uma clínica do nó borromeu que diferencie psicose e autismo na criança? In M.C. Laznik, B. Touati, C. Bursztejn, *Distinção clínica entre autismo e psicose na infância* (E.P. Oliveira, I. Machado, M.L. Barros, trad., pp. 27-55), São Paulo: Instituto Langage.
- Lisondo, A.B.D. (2010). Rêverie revisitada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 67-84.
- Meltzer, D. & Williams, M.H. (1995c). Conflito estético: seu lugar no processo de desenvolvimento. *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P.C. Sandler, trad., pp. 26-57). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

O menino do asteroide: uma criança em busca de amor, proteção e integração psíquica

- Meltzer, D. (1984a). La dimensionalidad como un parámetro del funcionamiento mental: su relación con la organización narcisista. In D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell, I. Wittenberg. *Exploración del autismo. Un estudio psicoanalítico* (S.O. Gordon trad., pp. 197-209). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1975)
- Meltzer, D. (1986b). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 40-52. (Trabalho original publicado em 1975)
- Neto, D.A.C. (2016a). Transtornos do espectro autista: uma experiência pungente com João, um menino doce à luz da psicanálise. *Revista Berggasse* 19, 6(2), 54-65.
- Prat, R. (2008). Entre o demais e muito pouco: a quadratura do círculo da parentalidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 125-137.
- Riviere, J. (1982). Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral trad., pp. 48-78). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original apresentado em 1936)
- Rocha Barros, E.M. & Rocha Barros, E.L. (2017). Transformações das formas simbólicas em sonho. *Jornal de Psicanálise*, 50(93), 37-52. Recuperado em 06 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352017000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Roussillon, R. (2015). A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 257-286. (Trabalho original apresentado em 1977)
- Saint-Exupéry, A. (1943). O pequeno príncipe. Trad. de Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Agir.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. (Trad. de Júlio Castanon Guimarães). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1964)
- Silva, M.C.P. (2019). A função narrativa do analista: invenção de um possível. *Livro Anual de Psicanálise*, XXXIII, 41-58. (Trabalho original publicado em 2013)
- Tustin, F (1975a). *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1972)
- Tustin, F. (1984). Autistic shapes. *International Review of Psycho-Analysis*, 11(3), 279-290.
- Tustin, F. (1984). *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1981)
- Winnicott, D.W. (2000). Psicose e cuidados maternos. In D.W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (D. Bogomolez trad., pp. 305-315). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original apresentado em 1952).

Recebido em 17/09/2020

Aceito em 02/12/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Vânia Elisabete Dalcin**

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Alameda Franca, 346/482
01422-002 – São Paulo, SP – Brasil
dilurzo@terra.com.br

© Revista de Psicanálise da SPPA